

A PRÁTICA DA VIOLÊNCIA VOLTADA AOS PROFISSIONAIS DA ENFERMAGEM

Ana Carolina Aparecida da Silva¹; Maria Alice Santos Rocha²; Marcio Antônio de Assis³.

1. Estudante do curso de Enfermagem; e-mail: carolinaana95@hotmail.com
2. Estudante do curso de Enfermagem; e-mail: m.alicesrocha@gmail.com
3. Professor da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: marcioassis80@gmail.com

Área de Conhecimento: **Saúde**.

Palavras-Chave: Violência no Trabalho; Enfermagem; Riscos Ocupacionais.

INTRODUÇÃO

O trabalho em saúde é entendido como uma ação imprescindível e fundamental para a sociedade, inserindo-se o trabalho de enfermagem. Mesmo com o propósito de cuidar do homem, vem se tornando algo crucial devido à precariedade das condições no ambiente hospitalar e a falta de relações interpessoais (JESUS et al, 2016). Mesmo com essa importância à sociedade, a Enfermagem vem sofrendo com diversos episódios de violência. A violência pode ser definida como comportamentos agressivos por indivíduos utilizando os diferentes tipos de ameaças, sem ter necessariamente um ambiente específico ou uma esfera organizacional, podendo atingir assim instituições públicas e privadas, praças, shoppings, restaurantes, locais de trabalho, constatando que ninguém está livre de sofrer qualquer tipo de ato infausto (BEZERRA et al, 2013). Ainda que exista consentimento sobre a relevância e os impactos causados, há pouca informação relacionada à violência na região hospitalar. A falta de fontes específicas de dados e a invisibilidade do problema nas organizações têm dificultado as pesquisas no assunto (ALMEIDA, 2016).

OBJETIVO

Identificar a tipologia de violência praticada junto ao profissional de Enfermagem de acordo com a característica de trabalho desenvolvido no Ambiente Hospitalar.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de campo, descritiva e explicativa com abordagem quantitativa. O estudo foi realizado no município de Mogi das Cruzes, na região do Alto Tietê, São Paulo. A amostra teve a participação de 158 indivíduos, sendo dentre esses 122 Auxiliares e Técnicos de Enfermagem e 36 Enfermeiros de ambos os gêneros (Feminino e Masculino), independentemente da idade. Foi empregada a utilização de um questionário semiestruturado, contendo questões abertas e fechadas, projetado pelos pesquisadores. Após a finalização da coleta de dados por meio do instrumento apontado neste estudo, foi realizada uma análise descritiva dos resultados obtidos, no qual as informações relatadas foram representadas por meio de números absolutos e percentuais, sendo demonstrado com auxílio de tabela.

RESULTADOS/DISCUSSÃO

A partir do conhecimento das características desses profissionais, partiu-se para o entendimento do enfoque específico desse estudo, voltado a experiência relacionada à violência vivenciada no ambiente de trabalho e, diante dos resultados obtidos, foi relatado por 74,1% dos profissionais que já haviam sofrido algum tipo de agressão. Dentre os que sofreram

agressão, foram pontuados com muita frequência 20,5% em agressão verbal, 9,4% em agressão psicológica e 1,7% em agressão física, sendo esses atos cometidos pelo paciente (35,9%) e por outros indivíduos, conforme demonstrado na tabela 1.

Tabela 1: Agressores no Ambiente Hospitalar, Mogi das Cruzes, SP, 2018.

AGRESSORES	PERCENTUAL (%)
Paciente	35,9
Acompanhante	19,7
Paciente e Acompanhante	11,9
Chefia	9,4
Paciente e Chefia	5,0
Paciente, Acompanhante, Colega e Chefia	4,3
Colega de Trabalho	3,3
Paciente, Acompanhante e Colega	2,6
Paciente, Acompanhante e Chefia	2,6
Paciente e Colega	1,7
Paciente, Colega, Chefia	0,9
Acompanhante e Colega	0,9
Acompanhante, Colega e Chefia	0,9
Colega e Chefia	0,9
	100

Nota-se que nas instituições hospitalares em uma visão geral, as agressões são realizadas na maioria das vezes pelo próprio paciente, o que pode motivar o profissional a não realizar corretamente a sua função - o cuidado. Segundo Silveira et al (2016), a agressão pode ocasionar consequências negativas ao profissional, prejudicando a qualidade da sua assistência. Com base nas respostas dos profissionais participantes que sofreram algum ato de violência, 23,1% dos indivíduos realizaram a denúncia, e desses, apenas 55,6% obtiveram resultados, entretanto, 76,9% não realizaram. Dentre os motivos mais frequentes que os levaram a não realizar a denúncia, estão a falta de tempo, vergonha e medo de perder o emprego, conforme demonstrado na tabela 2.

Tabela 2: Motivos que levaram a não realizar a denúncia das agressões, Mogi das Cruzes, SP, 2018.

MOTIVOS	PERCENTUAL (%)
Sem Relevância	27,8
Represália	15,6
Não Especificou	13,3
Vergonha	8,9
Medo de Perder o Emprego	7,8
Compreende o Paciente	6,7
Represália e Medo de Perder o Emprego	6,7
Burocracia	4,4
Falta de Tempo	4,4
Emocional	2,2
Respondeu a agressão	1,1
Represália, Vergonha e Medo de Perder o Emprego	1,1
	100

Dessa forma, observa-se que muitos dos profissionais acabam deixando de realizar a denúncia por acreditar que não tem relevância, porém quando foram questionados a esse respeito, disseram terem medo de perder o emprego, de perseguição e vergonha. Conforme

Heloani (2016), as vítimas temem realizar a denúncia, por conta do medo do “revide” que poderia ser em forma de demissão ou rebaixamento de cargo, além de ter a possibilidade da denúncia se tornar pública levando o indivíduo a exposição, assim facilitando com que ele se torne um alvo. O ambiente de trabalho é o local onde o profissional passa o maior tempo - onde desenvolve as suas atividades, devendo então ser um lugar que lhe propicie contentamento profissional, e não riscos a sua saúde (WEISS, 2017). As inadequações do ambiente de trabalho acabam levando o profissional a processos de adoecimento, assim sendo capaz de limitar temporariamente ou definitivamente a vida do trabalhador, limitando sua contribuição social e, conseqüentemente, sua qualidade de vida (DUTRA, COSTA e SAMPAIO, 2016).

CONCLUSÃO

Visto que o ambiente de trabalho é o espaço destinado a realizações de funções do profissional, é essencial que seja um local agradável e que lhe proporcione segurança para que sua função seja exercida adequadamente. Diante disso, é necessário um posicionamento dos profissionais, por meio da realização da denúncia e, além disso, cabe ao local dar um suporte a essas vítimas que merecem um tratamento apropriado. O profissional deve antes de tudo olhar para si, batalhar pela sua valorização profissional, para que as pessoas passem a olhá-lo com outra visão, e assim, valorizá-lo mais, conseqüentemente, adquirindo maior respeito.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Naianny Rodrigues. Violência no trabalho na equipe de enfermagem: prevalência e fatores associados nas emergências de referência para causas externas. 2016. 147 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/21577/1/2016_dis_nralmeida.pdf/. Acesso em: 15 de março de 2017.

BEZERRA, Erica José; ABDALA, Josenilda Barbosa; LOPES, Maria Helena; PAES, Suzana Carla; SILVA, Eduarda Cavalcanti Pereira. Violência contra o professor: o fenômeno que ocorre fora e dentro das escolas. In: XIII Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão, Recife, 2013. Disponível em: <http://www.eventosufrpe.com.br/2013/cd/resumos/R1547-1.pdf>. Acesso em: 02 de abril de 2017.

DUTRA, Fabiana Caetano Martins Silva; COSTA, Leticia Cardoso e SAMPAIO, Rosana Ferreira. A influência do afastamento do trabalho na percepção de saúde e qualidade de vida de indivíduos adultos. Revista Fisioterapia e Pesquisa, São Paulo, v. 23, n. 1, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/fpusp/article/view/115928/113446/>. Acesso em: 16 de março de 2017.

HELOANI, Roberto. Assédio moral: ultraje a rigor. Revista Direitos, Trabalho e Política Social, Cuiabá, v. 2, n. 2, p. 29-42, Jan./Jun, 2016. Disponível em: <http://revista91.hospedagemdesites.ws/index.php/rdtps/article/view/28>. Acesso em: 16 de fevereiro de 2018.

JESUS, Michelle Adrienne da Costa; SOUZA, Norma Valéria Dantas de Oliveira; COSTA, Carolina Cabral Pereira; CARVALHO, Eloá Carneiro; GALLASCH, Cristiane Helena; SOUZA, Pedro Hugo Dantas de Oliveira. Assédio moral no trabalho hospitalar de enfermagem: uma revisão integrativa de literatura. Revista Enfermagem - UERJ, Rio de Janeiro, v. 24, n.4, p. 01-06, 2016. Disponível em:

<http://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/26437/19437/>.
Acesso em: 23 de março de 2017.

SILVEIRA, Jéssyca; KARINO, Marcia Eiko; MARTINS, Julia Trevisan; GALDINO, Maria José Quina; TREVISAN, Gabriela Schmitt. Violência no trabalho e medidas de autoproteção: concepção de uma equipe de enfermagem. *Journal of Nursing and Health, Pelotas*, v. 6, n. 3, p. 436-446, 2016. Disponível em:
<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/8387/6921/>. Acesso em: 13 de março de 2017.

WEISS, Thais Suelen. Assédio sexual nas relações de emprego: análise dos meios de prevenção e modos de responsabilização do empregador pela ocorrência no meio ambiente de trabalho. 2017. 34 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito). Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Três Passos, 2017. Disponível em: <http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/handle/123456789/4615>. Acesso em: 18 de março de 2018.